

ROCHA PEIXOTO

OBRAS

VOLUME III

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES NA IMPRENSA.
CATÁLOGOS, RELATÓRIOS E TEXTOS AFINS.
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. NOTÍ-
CIAS E COMENTÁRIOS. NOTAS BIO-BIBLIO-
GRÁFICAS. CRÍTICAS E RECENSÕES. POLÉMICAS.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
1975

O SANGUE DE PRETO NO POVO PORTUGUÊS (*)

A limitada difusão entre nós das publicações que se ocupam de assuntos étnicos dá lugar a que passem despercebidas algumas referências e acertos da mais imprevista jovialidade. Não há fugir à inexorável condenação de desatino sempre que lá fora se ocupem de coisas portuguesas. E nos últimos tempos fortificam a de cá, avigorando-a mais com a insensata exibição de dados falsos e a derivada consigna-ção de noções torpes.

Poucos meses passam — e só há dias a notícia nos chegou — que o antropologista Zaborowski apresentava a uma douta assembleia de sábios franceses uma comunicação intitulada «Les portugais d'après des photographies». Desenvolve e confirma o autor uma parte das asserções pitorescas já exibidas no capítulo intitulado *La race* e inserto nessa hilariante publicação da livraria Larousse sobre Portugal (**). É aquele em que, depois de contar ao mundo que os costumes dos mouros foram por nós muito bem aceites, que falamos mesmo a língua dos invasores e que até os nossos padres houveram de aprender o árabe para pregarem o Evangelho, acentua a forte acção mourisca sobre o sangue do povo português. Agora o sr. Zaborowski, com 18 a 20 fotografias a mais, averigua que efectivamente o mouro foi quem nos imprimiu um carác-

(*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, em 30 de Março de 1901 (p. 1).

Por 1947 reimprimiu-se este texto de Rocha Peixoto, num folheto que apareceu sem data e sem indicação de tipografia ou de editor:

ROCHA PEIXOTO / O SANGUE / DE PRETO / NO POVO PORTUGUÊS / s. l. n. d., 4 págs. não numeradas, 168 x 89 mm.

Esta publicação clandestina parece ter sido feita para com ela se atingir António Mesquita de Figueiredo, o qual do caso tirou desforço [Vide: António Mesquita de Figueiredo — *Há Quarenta e Seis Anos...* «O sangue de preto no Povo Português» (Lisboa, 1947), 20 págs.].

(**) Sobre o capítulo de Zaborowski inserto na obra *Le Portugal* (Paris, 1900), veja-se o comentário de Rocha Peixoto publicado na revista *Portugália*, tom. I, n.º 3 (Porto, 1901), pp. 662-663 [pp. 540-541 deste vol. III das *OBRAS* de Rocha Peixoto].

ter mais nítido, o que pode afirmar *d'une façon très catégorique*.

Como consequência, que miséria! As belas fisionomias são raras e quase excepcionais; não temos mulheres bonitas; e certos retratos lembram algumas fêmeas trigueiras de cor terrosa ou levemente azeitonada do planalto central da França, marcadas com uma fealdade qualificada talvez erradamente de céltica! O que caracteriza a maior parte das figuras é a forma desgraciosa do nariz — nariz estreito e sem depressão, que se ergue e alarga na base, de lóbulo grosso e saliente, nariz abatado, enfim — *nez en pomme de terre*! Noutras, todavia, encontra um certo grau de acentuação; mas ainda em outras esse nariz é como que implantado na depressão do meio dum rosto que tem pómulos salientes e maxila quadrada!

A influência do sangue dos mouros é pouca — não obstante os cruzamentos com ingleses a que aludia no livro álaçre e memorável! Por fim todas as indicações fornecidas por 36 fotocópias estão absolutamente conformes com as obtidas por outros meios de investigação! («Boletins e Memórias da Sociedade de Antropologia de Paris», págs. 231-3, fac. 3, tom. I, série V).

Esta famosa lição antropológica devemo-la, junto à leviandade inadvertida e deplorável do sr. Zaborowski, ao sr. António Mesquita de Figueiredo, sobre quem o autor francês nos ilumina, cognominando-o «savant portugais habitant Lisbonne». Foi este português quem lhe enviou os retratos e ainda outros documentos célebres: a fotografia dum dólmen, as dumas minas de extracção de sílex na entrada do túnel de Campolide, outra ainda dos palheiros sobre estacaria da Cova de Lavos. Estas preciosas informações, revelando-nos evidentemente um sábio formidável, esclarecem-nos acerca da obra a que se dedica.

Assim, o que importa à pré-história de Campolide está feito, escrito e figurado, muito bem, por sinal (Fonseca Cardoso, na «Revista de Ciências Naturais e Sociais»). Das pretendidas palafitas, já o mesmo *savant portugais* mandou fotografias a Filipe Salmou e provavelmente a Ch. Davelluy, como se infere dum artigo da «Revista da Escola de Antropologia de Paris», não obstante o estudo já efectuado, entre nós, de tal assunto (Rocha Peixoto, na «Portugália»). (*)

Ora remetendo para o estrangeiro um ou outro positivo referente a motivos de investigação alheia, tais serviços, como sabedoria de expor-

(*) Rocha Peixoto — «Os Palheiros do Litoral», in revista *Portugália*, tom. I, n.º 1 (Porto, 1899), pp. 79-96 [pp. 70-88 do vol. I das *OBRAS* de Rocha Peixoto (Porto, 1967)].

tação, são risonhos, graciosos e suportáveis; mas que o *savant portugais* exhiba perante uma academia de sábios estrangeiros uma galeria de marafonas como representantes das mulheres do seu país é que se nos afigura lastimável.

A ânsia patológica da notoriedade, ou infantil ou cínica, em todo o caso ilusório e pueril, explica-se embora não se legitime. Insciente, ela avulta através duma remessa imprudente de fotografias buscadas ao acaso por quem não é um profissional, em *ateliers* esconsos de Lisboa, rebotalho de provas que hão de mistificar uma agremiação científica desprevenida. Mas o que surpreende é a contumácia do sr. Zaborowski nas suas frandulagens étnicas e as facilidades com que acolhe quem quer que surja sem a prévia exigência de algum testemunho literário.

Dáí os seus devaneios que ultrapassam o quadro da mais infima grosseria, atribuindo ainda agora ao povo português uma *arabização* que já teve a sua época fruste e efémera.

A extensão e os limites da influência moura — nula àquem Vouga, excepção das incursões tão exterminadoras como fugazes — são factos averiguados historicamente sobre depoimentos indefectíveis. E o sr. Zaborowski, aliás um insigne antropologista, teria visto na população portuguesa certa identidade étnica com povos do norte de África, não procedente de tempos tão recentes, mas distantemente recuada, se as fontes de estudo e informe fossem buscadas com outro sentimento de exacção.

O peninsular, o italiano meridional e o berbere — quem o não sabe hoje? — fazem parte da mesma raça mediterrânea cujas origens remotas prendem a uma mesma estirpe ex-histórica. E mesmo que nas populações do Sul a gota de sangue mourisco subsista, porventura, através das mesclagens precedentes e ulteriores, com que elementos de laboriosa e subtil investigação a discrimina o sábio francês? Com duas dezenas de retratos do mulhero das alfurjas lisboetas, remetidas por um mistificador matriculado agora, ao que dizem, no 1.º ano de Direito! É o *savant portugais*!

Esta singular leviandade explica ainda a exhibição, no livro já aludido e intitulado «Le Portugal», de sete retratos representativos do povo português: lojistas de armarinho, caixeiros viajantes, um amanuense catita e lânguido, e, como exemplar de mulher portuguesa, uma menina saída há pouco do asilo! No texto o sr. Zaborowski, referindo-se aos cruzamentos dos portugueses com gentes de toda a origem, mercê da expansão promovida pelas viagens e descobertas, afirma

que no nosso sangue foi introduzido o de raças muito distantes e *particularmente sangue negro!* Com novos cruzamentos eliminou-se um pouco; mas ainda se reconhece em muitas famílias!

Semelhante asserção, não sendo nova, logra recentemente a acolheita de alguns antropologistas que afluam, acompanhada sempre da quintilha de Garcia de Resende:

*Vemos no Reino meter
Tantos cativos, crescer,
E irem-se os naturais,
Que se assim for, serão mais
Eles que nós, a meu ver.*

Por igual Clenardo, numa das suas *epístolas*, assegurava hiperbolicamente que havia em Lisboa mais negros do que portugueses. Severim de Faria, também no século XVII, exarava referências que provocaram similares ilacções. E quem não recorda a segurança com que Réclus, há poucos anos, na sua monumental *Geographie*, nos apresentava com o preto?

Obliterado, e porventura nunca acolhido tal asserto, exhibe-o modernamente o sr. Severino Marques numa dissertação antropométrica, jogando com os resultados apurados na averiguação dos índices cefálico e nasal. A dolicocefalia por um lado e a quase mesorrinia por outro, eis denunciada a influência do negro plaitirrínico e dolicocefalo! Claro como preto!

Posteriormente, o sr. Gonçalves Lopes, noutra dissertação sobre *Os beirões*, lá ia escorregando pela mesma ladeira com copla e tudo! Arrependeu-se mais tarde, felizmente.

Ora se aparece entre nós quem proclame à face de mensurações e tabelas a difusão do sangue de preto por entre as populações do reino, não espanta em extremo que o antropologista francês seja o eco naturalmente exagerado duma asserção fundamental em quintilhas do século XVI e em devaneios levianos de antropometrista *in herbis!*

É verdade que o português, no Brasil e em África, semelhantemente ao que acontece com o espanhol e o italiano, contrai alianças deploráveis. Todos nós conhecemos a torpeza genésica de vários patrióticos que carregam para o continente a progénie escarumba!

Mas inferir dessa percentagem infinitamente desprezível e breve diluída na massa da população, lá porque surgem semi-pretos nos colégios, semi-pretas nas praias e nas termas e pretos inteiriços ao ser-

viço dum ou outro português de retorno, inferior, dizia-se, destes casos episódicos e singulares uma influência iniludível, é deveras fazer ciência à altura do sábio português que o sr. Zaborowski descobriu e revelou.

Felizmente para nós — atalha depois o sábio francês — os ingleses, que encontraram aqui uma segunda pátria, criam famílias misturando os seus caracteres de louros aos nossos de morenos! Isto é tão radicalmente falso como irreduzivelmente antipático é para nós o bretão. A pátria será já deles, porventura; os casamentos é que não estão decretados por enquanto!

Esta macábrica sarabanda étnica reduz-se, em última análise, a isto: independentemente dos vestígios da estirpe ancestral cruzada com certos novos invasores do mundo antigo, combinaram-se ulteriormente, duma banda o mouro e o preto e por outro lado o inglês!

A versatilidade ignara que ressuma de todo este alfobre de soléncias tem já precedentes nos trabalhos similares que o sr. Zaborowski inseriu nos livros sobre a Itália e a Holanda da casa Larousse. Mas não, entretanto, com a mesma intrepidez na asneira, sempre que o notável antropologista francês se não ocupa da sua pátria. Ora a nossa literatura histórica, arqueológica e etnológica, bem que fragmentária e esparsa, é já suficientemente educativa para, sob a criteriosa inspecção dum antropologista do valor do sr. Zaborowski, tornar-se lícita e fácil a elaboração dum pródromo étnico português. E até indirectamente, em aspectos restritos, os trabalhos espanhóis de Anton, Aranzadi, Hoyos e Olóriz, travariam as impetuosas ilacções a que chegou o escritor francês em face das fotocópias de símios com que o ludibriaram de Lisboa. O livro «Le Portugal», que certamente terá uma vasta expansão mercantil, e agora esta comunicação apresentada à Sociedade Antropológica de França, vão prestar-nos mais esse deplorável serviço, para o qual contribuíram não só os organizadores do volume mas ainda o sábio de exportação até agora inédito.

De resto era o que nos faltava depois dos descréditos conhecidos: a infiltração, na ciência portuguesa, desta espécie impúdica de escal-racho que, a troco duma breve referência sem destaque, promove no estrangeiro a dilatação de noções indecorosas sobre a gente da sua raça e da sua pátria!